

## Kanguimbu Ananaz. *Seios e Ventres: poemas*, Tchingapy Editora, Luanda, 2020, 72 págs.

### *Seios e ventres: a simplicidade e o sublime em Kanguimbu Ananaz*

A obra *Seios e ventres* (2020), da escritora angolana Kanguimbu Ananaz, logo a partir do título, e, indo mais além, sob o impacto da própria capa, infla a imaginação, sugere sentidos e ecoa um tempo mítico: sinédoques do corpo feminino, ou, como se queira, partes como seios e ventres, multiplicam-se nas imagens sucessivas e já opacas, como se se tratassem de espelhos, identidades e ‘outridades’ que sugerem gerações dentro de gerações, histórias dentro de histórias e memórias dentro de memórias, que, possivelmente, como um acorde fértil, culminassem no ritmo de um desejo, de uma necessidade profunda ou de um afeto sempre almejado. E é justamente, pelos meandros dos fragmentos de seios e ventres, múltiplos veículos de ‘alimento’, como também, do instrumento poético, que, aliás, sequer deixou de ser alimento, muito pelo contrário, sempre é alimento de outra ordem, que a revelação poética da autora, no cerne da obra, vem à luz em realidades plurais e ávidas, insinuando o todo, ou melhor, o corpo, que, sob o impacto de uma dança, revela-se em imagens sem se esgotarem.

E ainda como destaque, se segundo o poeta e teórico mexicano Octavio Paz, “poesia é desejo [...] poesia é fome de realidade” (Paz, 2014: 73), inevitavelmente, Kanguimbu Ananaz, frente a tantos dons, sobretudo, ao da gastronomia mediante prêmios e homenagens, não deixaria de lado a ordem geral, cujo significado vai além

do dizível, a fim de que se chegue ao sentido, ali mesmo, no cotidiano das coisas, dos cheiros e da simplicidade à espreita de surpreender com o sublime. Sobre tais aspectos, inferem-se, de forma análoga, assim como bem destacou Daiana Nascimento<sup>1</sup> dos Santos, numa espécie de antecipação do prefácio da obra *Seios e ventres*, os dizeres da autora Kanguimbu Ananaz, sobre a literatura ser “um percurso que se faz caminhando”, mas que, evidentemente, ao mesmo tempo, também se faz na circularidade do poema, que, ao dizer, silenciar ou ocultar, não quer só chegar ao destino, mas retroceder, “em favor do círculo e da espiral” (Paz, 1994: 13), lugar fecundo de metáforas, ritmos, imagens e comparações, sempre a favor dos múltiplos significados das palavras, lá onde a poesia almeja a sua concretude.

Assim, o lugar de concretude da poesia é o mesmo no qual as palavras se insinuam, a fim de que se infle a imaginação, semelhante ao erotismo dos corpos e ao desejo amoroso. Tanto na poesia como no impulso amoroso, há o rodeio, a dança ou a brincadeira ‘erótica’, que, não raro, adiam aquilo que é intuito por excelência: a concretização do encontro. Deve-se sempre começar e recomeçar tudo de novo, já que o poeta “ao recriar sua experiência, convoca um passado que é um futuro” (Paz, 2014: 73), o que, de forma similar, Haroldo de Campos diria sobre “tudo será o mar e nada será o mar” (Campos, 2004)<sup>2</sup>, já que uma vez o objeto de desejo se realize, quer-se outra vez, e sempre outra vez, eternizar o prazer por meio da união das imagens do presente e do passado e de uma

suposição de um possível futuro. E será desse ritmo poético do poema que é também o do indivíduo, revelando-se, portanto, arte e indivíduo sob uma projeção de espelhamento contínuo de criação ou de recriação, seja do poema ou de si mesmo, que se pretende pensar a poesia de Kanguimbu Ananaz, em *Seios e Ventres*.

Se antes do prefácio, a professora Daiana dos Santos insere uma sucinta visão de suas experiências literárias com a poesia angolana, sobretudo, com a obra de Kanguimbu Ananaz, em *Seios e ventres*, por seu modo, depois do prefácio, o poeta Ernesto Daniel<sup>3</sup>, discorre suas impressões, e de lá, vê-se a leveza da abertura do texto suscitando que “uma obra literária oferece-nos sempre vários ângulos de abordagens, e é sempre suscetível a várias interpretações”. Portanto, sob tais impressões do autor, vê-se ser imprescindível a compreensão de que é possível sempre mais de uma obra, e se a opção é por determinado caminho, e não por aquele outro, é justamente pelo fato da leitura e, possivelmente, de sucessivas leituras como elementos renovadores de todo objeto estético, frente às peculiaridades e às vivências intrínsecas de seus respectivos leitores-apreciadores.

Desse modo, os cinquenta e dois poemas da obra *Seios e ventres*, que, de forma geral, constituem-se de uma ou duas estrofes e com seus versos livres, não perdem de vista um ritmo que ecoa na obra como um todo. E será daí que, de modo análogo ao título, os poemas como partes de um todo, assim como “seios” e “ventres” seriam fragmentos contíguos da integralidade do corpo feminino, o sentido estará sempre à espreita, tanto nos

poemas, como na obra em si. Assim, segue-se o primeiro poema, intitulado “Nuvens robustas”:

Seios nuvens robustas  
encantam céu da boca  
alma suspensa assédio no mar  
descarrega sensações emoções  
lua sensual escancarada  
eco da solidão. (Ananaz, 2020: 21)

Nota-se, portanto, a partir da poesia ilustrada, a ausência de pontuação, que, aliás, permeará todos os poemas, fator contundente à intensificação de um ritmo que confere, conforme já reiterado, a possibilidade de diversas leituras. Mas, supondo-se a impressão de apenas uma leitura, seria interessante pensar “Nuvens robustas” como uma narrativa do próprio poema, que, ao sugerir a metáfora ou a comparação dos “seios sendo nuvens” ou “como nuvens”, revelaria a imagem da volúpia, concretizada no “céu”, mas não em qualquer céu, mas no “céu da boca”, ao ponto de sugerir a suspensão da alma, tamanho teria sido o prazer, ora realizado, ora imaginado. E ainda, de qualquer modo, tal prazer, gerador de emoções, sob o signo da lua, que também não é qualquer lua, mas a lua, cuja penumbra é o símbolo da magia e do inatingível, também é memória, lembrança e rememoração, confirmando-se no futuro ou no “eco da solidão”, a sensação de falta, e, portanto, a necessidade da volta, da repetição, o que valeria dizer que:

O outro está sempre ausente. Ausente e presente. Há um vazio, uma fossa aos nossos pés. O homem vive descontrolado, angustiado, procurando esse outro que é ele mesmo. E

nada pode trazê-lo de volta a si, exceto o salto mortal: o amor, a imagem, a Aparição. (Paz, 2014: 141).

E é desse “outro”, que seria apenas uma parte, assim com “seios” e “ventres” são partes também de uma totalidade, que se chega à unidade da obra, cujo cerne, muito provável, virá à tona, com a leitura dos poemas, de cada poema, para então, tornar-se possível um vislumbrar da poesia de Kanguimbu Ananaz. E ainda sobre tais aspectos, reitera-se que, de acordo com o próprio prefácio da obra, à luz das palavras da professora Jurema Oliveira<sup>4</sup>, a poesia, em *Seios e ventres*, “transborda lirismo”, e, indo além, “a força do poema está no “princípio intrínseco de produzir dualidades”, o que faz remontar às palavras de Octavio Paz como força argumentativa para a experiência da poética em geral de que a poesia como elemento estético, “leva o homem para fora de si e, simultaneamente, o faz regressar ao seu original: volta-o para si.” (Paz, 2014: 119). E nesse ziguezaguear, ou, nessa dualidade entre o “ir” e o “voltar” do indivíduo, está a poesia, que revigora a cada momento, e de modo constante, como as nuvens lá no céu, que tomam formas de figuras e de símbolos familiares, mas que é só mudar um pouco o olhar, e lá já está outra imagem, e lá está outro sentido para o “Nuvens robustas” de Kanguimbu Ananaz.

Exemplo escolhido como mote da obra como um todo, “Nuvens robustas”, ainda que seja o poema inaugural da obra *Seios e ventres*, é importante ressaltar que a poesia não se restringe aos seus versos ou ao gênero poético, precedendo-os, portanto, tanto no título (*Seios e ventres: poesia*), como na capa, com as sucessões de imagens de

seios e ventres, de mulheres com seus chapéus protetores das intempéries do tempo e de uma natureza local e contextual, evocando uma modalidade no interior da obra: a metáfora.

É importante ressaltar, sob o impacto da linguagem figurada, o estudioso e crítico brasileiro Antonio Candido, que em “As modalidades de palavras figuradas”, da obra *O estudo analítico do poema* (1996), dirá que “no processo metafórico, é como se a transferência semântica se fizesse espontaneamente [...] mais visceral [...] parecendo ‘criar’ uma realidade diversa.” (Candido, 1996: 78). De fato, a esta modalidade, “Nuvens robustas” torna-se modelar, uma vez tratar-se da “lua”, do “mar”, do “céu”, em suma, da simplicidade do significado primário, sem perder de vista tantos outros, como, por exemplo, a própria poesia na imagem dos seios e dos ventres ‘anuviados’ da capa do livro que, em conjunto com as próprias “nuvens” do poema em destaque, encerram sentidos diversos.

Ainda sobre as palavras do poema ou sobre os valores exaltados destas mesmas palavras por intermédio da poesia de um modo geral, mas que sobremaneira, reitera-se nesses meandros a convergência à obra *Seios e ventres*, é salutar destacá-la como fecunda de palavras dotadas de significados plurais, partindo-se do desafio da simplicidade de alguns signos, como por exemplo, não só aqueles ligados ao corpo feminino ou à natureza, como “ondas”, “mares”, “oceanos” e tantos outros, mas também aos que fazem parte da culinária ou gastronomia, conforme ilustrados nos poemas “Coito gastronômico” (p. 28), “Linguados aromáticos” (p. 33), “Protestos das panelas” (p.65) e “Forno de ternura” (p. 71).

E assim, sobre *Seios e ventres*, no entorno de suas palavras ligadas ao alimento ou ao gastronômico, emana uma experiência de múltiplos significados, em particular, a do próprio prazer, com todas as suas vertentes envolvidas, seja a do saciar a fome, o corpo ou a alma. Mas o fato é que o escritor e crítico francês Roland Barthes dirá “que a escritura se encontra em toda parte onde as palavras tem sabor (*saber* e *sabor* têm, em latim, a mesma etimologia).” (Barthes, 1978: 21, grifo do autor). Portanto, será de uma explosão de sabores e prazeres, que Kanguimbu Ananaz, ali mesmo no trato com a matéria-prima dos alimentos e com tudo que caracteriza o preparo dos pratos e dos *menus*, que como bem ilustram os dois versos finais do poema “Linguados aromáticos” (p.33): “renasce o amor”, que muito provável o eu-lírico “havia perdido”.

Em suma, concretizar-se um encontro com a obra *Seios e ventres*, de Kanguimbu Ananaz, é já estar diante da simplicidade das coisas rumo ao sublime, lá onde se torna fecunda a pluralidade das imagens, seja nos seios e ventres, seja na chuva, galáxias e rosas, seja nos aromas, painéis ou ternura. O sublime é a ambiguidade do sentido quando a palavra alça voo em busca da falta que se revela em poesia e em poema, o que vale dizer: em si mesmo. Isso é tão universal, que muitas vezes, torna-se inevitável não pensar na primeira estrofe do poema “Maçã”, do poeta brasileiro Manuel Bandeira:

Por um lado te vejo como um seio murcho/  
Pelo outro como um ventre de cujo umbigo/  
[pende ainda o cordão placentário. (Bandeira, 1967: 294)

E um pouco além do pensar no poema de Manuel Bandeira, uma breve leitura dos dois primeiros versos do poema “Lições românticas”, de Kanguimbu Ananaz:

Lições românticas embalam  
Seios murcham solidão. (Ananaz, 2020: 49)

Dois tempos distintos entre Bandeira e Ananaz, mas tão unificadores de sentidos ou de imagens diante da simplicidade da “maçã”, que é também “seio” e “ventre”, mas que também é sabor da fruta, um breve parentesco com *Seios e ventres*, nesse jogo entre sabor e saber, entre poesia e prazer. Desse modo, a literatura é um disparo para possibilidades plurais, até mesmo de “seios murcham” no sentido de amenizar ou minguar a “solidão”, tanto quanto o é, de outras perspectivas. Enfim, *Seios e ventres*, de Kanguimbu Ananaz é uma vivacidade em espiral da linguagem poética, mas também da simplicidade das coisas que pousam em certa quietude, e que basta uma chama para acender o prazer e multiplicar o erotismo da palavra que dá nome à “coisa”, a fim de que se concretize o grande “salto”: a recriação incessante e unificadora do indivíduo frente à experiência poética, o que vale dizer que é do cotidiano da vida que o poeta resiste à linguagem para dela usufruir e projetar a realidade ancestral da poesia.

Ana Claudia Rodrigues  
Doutoranda em Estudos Literários  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita  
Filho” (UNESP-FCLAr) - Brasil

## Referencias citadas

Ananaz, K. (2020): *Seios e ventres: poesia*. 1 ed., Angola, Tchingapy.

Barthes, R. (1978): *Aula*. Trad. Leyla Perrone – Moisés. 10 ed., São Paulo, Cultrix.

Bandeira, M. (1967). *Poesia completa e prosa*, Rio de Janeiro, Cia. José Aguilar.

Candido, A. (1996): *O estudo analítico do poema*. 3 ed., São Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP.

Campos, H. de. (2004): *Galáxias*. 2 ed. São Paulo, 34.

Paz, O. (2014): *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. 2 ed., São Paulo, COSAC NAIFY.

Paz, O. (1994): *A dupla chama - amor e erotismo*. Trad. Wladry Dupont. São Paulo: Siciliano.

## Notas

[1] Investigadora PAI-CONIYT, Centro Estudos Avanzados, Universidade de Playa Ancha.

[2] A obra “Galáxias”, do poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos, por uma escolha estética da forma, mediada pelo princípio de espiralização do conteúdo, não contém paginação e nem pontuação.

[3] Poeta, prosador e membro do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris – CE3L.

[4] Professora Doutora da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes/Brasil.